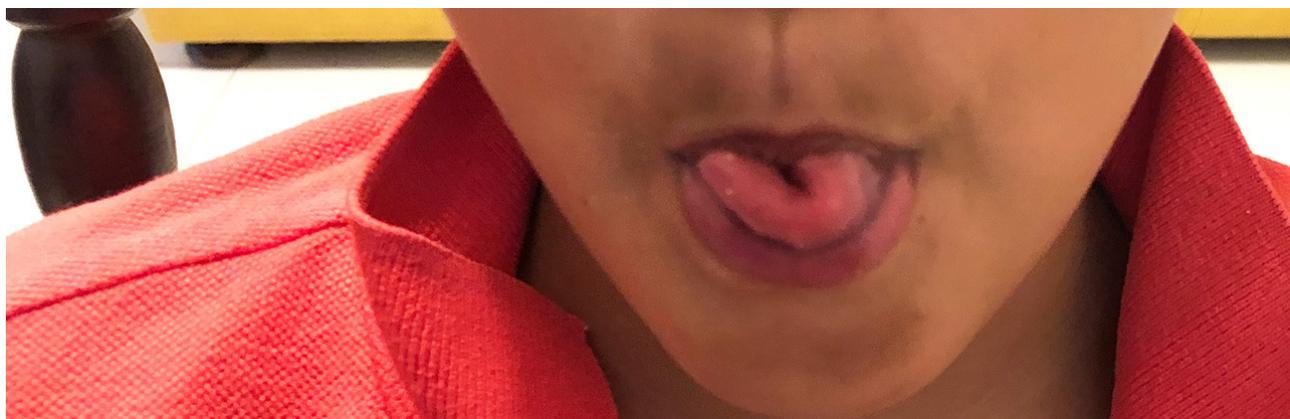


### Senso comunicação da ciência

Rute Rocha



Mais que fazer ciência, é importante comunicá-la e aprender a comunicar ciência. Na Biologia muito se tem comunicado sobre DNA, genes, hereditariedade ou epigenética, para investigadores, entre os pares, mas muito pouco para o senso comum.

Mas será que é realmente importante comunicar ciência? E de que forma? Aparentemente, seríamos levados a pensar que pouco importa comunicar ciência, mas de facto, a sua relevância prende-se com a minha preocupação de ultrapassar estereótipos e crenças, muito enraizadas culturalmente, que orientam os humanos para a discriminação e por várias vezes, a história mostra-nos que perderam a sua “humanidade”. Na tentativa de superar esta minha (pre)ocupação, proponho uma – Senso Comunicação – isto é, comunicar ciência (ou outra área do conhecimento) para o senso comum.

Como podemos educar para a diversidade, democracia, paz, altruísmo, sem nos ocuparmos em dar um salto para a senso comunicação da ciência?

É usual ouvirmos dizer que o filho vai ser alto como o pai ou ser mau em matemática como a mãe. Mas que conceito é este de hereditariedade? Bem sei que existem muitas características que passam à descendência. E acreditem, não passam apenas as “boas”. Isto de se pensar, que o que passa à descendência é o melhor que existe!!! Não deem isso por seguro! Tenho um

filho adotado e reconheço-lhe características fenotípicas (características observáveis, expressão dos genes) bem melhor que as minhas!

Uma característica\* para ser hereditária tem de apresentar uma distribuição bimodal na população. Entenda-se esta, uma distribuição com duas curvas, com duas modas (diferentes alelos provenientes de cada um dos progenitores). Logo, se a altura e a inteligência fossem características hereditárias, como poderíamos ter jovens tão altos, com ascendentes lusitanos tão pequenos?!

É este determinismo hereditário que me assusta, pela discriminação que provoca, pela angústia que gera em cada uma das crianças que ouve sistematicamente estes raciocínios “brilhantes” dos progenitores e que por praxis se habitua a passar à descendência.

É relevante percebermos que quando as nossas células precisam de insulina, os cromossomas organizam os seus genes de modo a que os ribossomas produzam esta proteína, num mecanismo estudado e altamente complexo. Contudo, os conhecimentos associados a estes fenómenos genéticos, por si só, servem de pouco, se não chegar à maioria dos humanos, para bem do planeta e dos seres que nele coabitam.

\* Uma característica genética nem sempre é uma característica hereditária, que passa à descendência.

29-06-2019